

# Vale tudo: só não vale ficar homem com homem nem mulher com mulher<sup>1</sup>

---

Glauca Nagem

## Resumo

Pretende-se, neste artigo, desenvolver o tema da diferença entre a sexuação e a sexualidade a partir da teorização freudiana/laciana e do comentário de uma vigneta clínica. Mostrando, nos dois autores, a evolução dos conceitos concernentes ao enlaçamento discursivo do corpo e dos falasses diante da castração, o artigo aponta para a lógica da sexuação como constituinte do discurso e de seus giros.

## Palavras-chave:

Sexualidade; Sexuação; Corpo; Falasser; Castração.

## Anything goes: except for a man with a man or a woman with a woman

## Abstract

This article intends to develop the difference between sexuation and sexuality as from the Freudian/Lacanian theorization and a clinical vignette. By showing, in these authors, the evolution of the concepts concerning the discursive entanglement of the body and the *parlêtres* before the castration, the article points out the logic of sexuation as constituting of the discourse and its turnings.

## Keywords:

Sexuality; Sexuation; Body; *Parlêtre*; Castration.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no II Simpósio Interamericano da Internacional dos Fóruns, *Sexuação e Identidades*, em setembro de 2017.

## **Todo está permitido: excepto hombre con hombre y mujer con mujer**

### **Resumen**

Se pretende en este artículo desarrollar el tema de la diferencia entre la sexuación y la sexualidad a partir de la teorización freudiana y lacaniana y del comentario de una viñeta clínica. En los dos autores, la evolución de los conceptos concernientes a lo enlazado discursivo del cuerpo y de los *parlêtre* ante la castración, el artículo indica hacia la lógica de la sexuación como constituyente del discurso y de sus giros.

### **Palabras clave:**

Sexualidad; Sexuación; Cuerpo; *Parlêtre*; Castración.

## **Tout est bon, sauf un homme avec un homme, ou une femme avec une femme**

### **Résumé**

Cet article entend développer le thème de la différence entre sexuación et sexualité à partir de la théorisation freudienne/lacanienne et du commentaire d'une vignette clinique. En montrant, chez Lacan et Freud, l'évolution des concepts liés au nouage discursif du corps et des parlêtres face à la castration, cet article signale la logique de la sexuación comme constituant du discours et de ses tours.

### **Mots-clés:**

Sexualité; Sexuación; Corps; Parlêtre; Castration.

Trabalharei a partir da construção proposta na lição de 13 de março de 1972 das fórmulas da sexuación e da primeira parte de *O aturdo* (Lacan, 1972/2003). Para isso, apresento uma vinheta clínica.

F. tem um laço com G. Um relacionamento que poderia ser considerado pela psicologia como abusivo. G afirma inúmeras vezes: “você não consegue”, “você não faz nada certo”, “seu trabalho não é bom”. F. já estava em análise quando começou a relacionar-se com G.

F. diz da série dos relacionamentos que teve até então e constata que isso de algum modo se repete quando consegue fazer um laço. Em seu tratamento, uma direção: reposicionar-se em face do outro, ter voz, fazer valer sua palavra em face do que vem do Outro, validar seu trabalho e ter prazer no sexo. Via aberta com a navalha do dizer em um tempo inicial de sua análise.

Desde Freud, ser homem ou mulher é uma construção. O corpo é construído aos pedaços. Sobre isso, Lacan afirma que o corpo é uma questão de fé, que o “falasser adora seu corpo, porque crê que o tem” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 64). O neurótico crê que tem um corpo, e o psicótico sofre por não ter a mesma fé. A construção se dá como uma colagem a partir dos orifícios no contato traumático com aquele que cuida, em um desencontro fundamental: o *infans* grita, pois este é o primeiro uso do orifício oral. O que cuida responde. Mas a resposta nunca é exatamente o que o grito demandava. Esse desencontro permanecerá, e constatamos que sempre se fala mais ou menos, e o outro nunca ouve exatamente o que se quis dizer. Freud descreve o processo da vivência de satisfação na parte 11 do Projeto, mostrando esse desencontro e como nele há um “desapontamento” (Freud, 1950 [1895]/2011).

Há desencontro, desapontamento, desproporção, e é nessa vertente que os corpos se constroem e que os falasseres se enlaçam. O que determina os modos de enlçamento é algo muito pequeno, uma pequena cena montada no instante mítico em que o sujeito se encontra com a divisão. Se o sujeito for neurótico, responde com a fantasia, e se for psicótico, responde com o delírio (Freud, 1940 [1938]/2012). Fantasia e delírio como respostas a serem ouvidas e tratadas nas análises.

Steve Reich, em sua composição musical *Proverb*, pergunta em formato de fuga: “Quão pequeno um pensamento tem que ser para preencher uma vida inteira?” Um modo poético de entendermos a fantasia. Só isto: o sujeito com sua divisão às voltas com o objeto que recorta do outro. Nessa trombada com o outro, uma frase em formato de cena se constrói e “preenche” uma vida inteira.

Freud percebe em sua escuta precisa que os tais orifícios se constroem pelo que ele vai sustentar como sexualidade. Essa frase-cena da fantasia se construindo no que formula como o Édipo. O *infans* sofre o desencontro traumático inicial, onde é cavado o oco que ecoará a frase e determinará seus laços. Isso continua se montando em suas experiências com os que dele se ocupam.

Mas, para Freud, se mantém uma questão que ressalta em *Sobre a sexualidade feminina* (Freud, 1931/2011), texto tardio em sua obra: qual seria a diferença da saída do Édipo para a menina e para o menino. Aparentemente, para o menino, seria mais simples, pois não teria de fazer uma dupla volta. Para ambos, o primeiro objeto é a mãe. No Édipo positivo, o menino, diante da angústia da castração, temendo o pai, sai do Édipo e se desliga da mãe. Mas, para a menina, não seria apenas esse giro. Ela precisaria de uma dupla volta: desligar-se da mãe em direção ao pai e, em seguida, desligar-se do pai. Acompanhamos em seu texto que, apesar de interessantes, as duas soluções capengam. E sabemos disso pelo que escutamos no consultório.

Lacan nos oferece uma nova via para pensarmos com a lógica da sexuação os lugares construídos em face do desejo e das escolhas objetais. Lógica que põe em jogo o Dizer que está por trás dos Ditos. O Dizer sendo o que escapa no desencontro fundamental e determina como se laçam o Real, o Simbólico e o Imaginário.

Voltemos ao corpo. O corpo construído em Freud na sexualidade dos orifícios recebe um aporte com Lacan pela introdução da linguagem. O corpo, com isso, é também uma construção de dizer. Não basta tocá-lo, há de se dizê-lo. E, diante dos ditos que ouve, o dizer enlaça. De um lado, como sujeito em sua divisão, em relação ao falo. De outro, às voltas com o objeto, com a incompletude e, conseqüentemente, com o gozo que escapa.

Ter ou não um pênis não garante o modo de relação de um sujeito com o falo. “Quem quer que seja dos seres falantes se inscreve à esquerda ou, então, à direita” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 85) do que Lacan propõe como sexuação. E isso não é o mesmo que dizer da sexualidade. A sexualidade, construindo os orifícios, determina os modos pelos quais um corpo se satisfaz, as muitas formas de usar o corpo.

Já a sexuação é determinada pelo modo pelo qual discursivamente o sujeito se enlaça ao outro, como se posiciona diante do outro. Nguyen afirma, em seu seminário de 2015, que:

Para proferir o *Yadl’un* Lacan foi levado a abordar a sexuação. Faço a precisão de que a sexuação não é a sexualidade. A sexualidade pode se definir como o exercício do corpo à procura de um gozo, mais precisamente a partir da posição sexual, sexuada, a partir da inscrição na sexuação, ... antes do encontro sexual há a sexuação. (Nguyen, 2015, tradução nossa)

Vemos, assim, que na sexuação não está em jogo o gozo dos corpos, mas a posição discursiva entre o lado Todo e o lado Não-todo. Soler afirma que “os seres falantes se autorizam deles mesmos, e não da escolha entre o todo e o não-todo, que o discurso lhes impõe, e que a ele não implica nenhuma prática de corpo específica” (Soler, 2015, tradução nossa).

Quais as conseqüências clínicas que podemos extrair dessa lógica? Para isso, voltemos à vinheta clínica. Propositalmente, não determinei homem ou mulher para os sujeitos F. e G. E não coloquei arroba, x ou qualquer outro signo de indiferenciação. Isso porque não é indiferente como um corpo se constrói por seus orifícios. E mesmo que na sexuação se trate de uma posição discursiva, segue sendo importante como se diz disso. A psicanálise não é partidária da igualdade, pois o que ela nos proporciona é a possibilidade de uma diferença radical. “Não esperem de um analista que pleiteie pela igualdade, ele só pode defender, e essa é sua liberdade, a diferença absoluta” (Nguyen, 2015, tradução nossa).

F. e G. resolveram se enlaçar. O abusivo é o modo como se enlaçam. O que G. faz com F., desqualificando suas escolhas e ações, não encontra apenas sustentação político-econômico-social, mas fantasmática. F., que já deu alguns passos em sua análise, pode, pelo Dizer, se reposicionar diante desse Outro que lhe assombra e que se traveste em G.

Lacan afirma:

Esse lugar (dos giros dos discursos) não é para todos, mas existe aos discursos, e é por aí que se homenloga que todos são mortais. Eles só podem sê-lo, todos, porque à morte são delegados por esse lugar, todos, fatalmente, já que é nele que se zela às mil maravilhas pelo bem de todos. Em particular quando o que zela (pelo bem) faz semblante de significante-mestre ou saber. (Lacan, 1972/2003, p. 450)

F. esteve até então zelando pelo Bem, em uma posição em que o semblante variava entre o discurso do mestre (significante-mestre) e o discurso universitário (saber). A análise, a partir da lógica da sexuação, aponta para o lado Não-todo e faz F. girar o discurso, histericizando sua posição discursiva, questionando-se como sujeito em sua divisão: “O que faz com que eu permaneça nesse lugar?”; e dirigindo-se a G.: “Você não pode falar assim comigo”, além de retomar sua produção artística e questionar o modo de se enlaçar.

Não é indiferente qual corpo habita F. e G. Mas, sobre a posição discursiva nesse recorte, basta que se digam F. e G. Um laço de  $S$  e  $a$ . Puras letras que se enlaçam. F., em análise, pode sacar na repetição como se enlaça ao outro, como recorta seu objeto. G. recebe os ecos da análise de F. e leva para sua própria análise. Afinal, se há um laço e um dos lados se reposiciona, isso movimenta o outro lado. Não é por acaso que com alguns sujeitos esses reposicionamentos são recebidos de modo insuportável, levando mesmo a rompimentos.

A análise orientada pela lógica da sexuação tem no horizonte a não completude, a não proporcionalidade. Como nos lembra Bousseyroux citando Bataille: “colocar a vida, quer dizer o possível, à altura do impossível, é tudo o que pode fazer um homem se ele não quer se iludir” (Bataille citado por Bousseyroux, 2012).

## Referências bibliográficas

- Bousseyroux, M. (2012). Práticas do impossível e teoria dos discursos. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, edição eletrônica, 4(1), 183-194, jan./jun. Recuperado de file:///C:/Users/brend/Downloads/22108-56768-1-SM.pdf
- Freud, S. (1931/2011). Sobre a sexualidade feminina. (José Luis Etcheverry, Trad.). In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (Vol. 21, 2a. ed., pp. 223-244). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1940 [1938]/2012). A cisão do eu no processo de defesa. (José Luis Etcheverry, Trad.). In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (Vol. 23, 2a. ed., pp. 271-278). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1950 [1895]/2011). Projeto para uma psicologia científica (José Luis

- Etcheverry, Trad.). In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (Vol. 1, 2a. ed., pp. 323-446). Buenos Aires: Amorrortu.
- Lacan, J. (1972/2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 448-497). (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1972-1973/2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1975-1976/2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. (Sergio Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nguyên, A. *Seminário 2014-2015*. SkyInyapas et Skya – FCL Pôle Bordeaux-Région, Le Fil à suivre #11, p. 29 e 86.
- Soler, C. (2015). Une nouvelle économie sexuelle. *Revue de Psychanalyse du Champ Lacanien*, Paris, (17), 11-20, nov.

**Recebido:** 16/10/2017

**Aprovado:** 09/01/2018